



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A SITUAÇÃO DE (NÃO)ESCOLARIDADE DE MORADORES DE DUAS LOCALIDADES RURAIS: PAREDÃO E COSTA BICA (PIRATINI, RS)

Darlene Rosa da Silva (1); Elisane Ortiz de Tunes Pinto (1); Dirlei de Azambuja Pereira (2);
Daiana Corrêa Vieira

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. darlenesilva@cavg.ifsul.edu.br

Resumo: O artigo apresenta resultados de um estudo de caráter quali-quantitativo e tem como objetivo principal apresentar dados sobre a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica (Piratini, R/S). O trabalho de campo desenvolveu-se nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2008, quando foram visitadas 114 famílias, sendo 57 na localidade do Paredão e 57 na Costa do Bica, ambos localizados no município de Piratini (RS). A coleta de dados foi realizada através de entrevistas estruturadas. Com isso pôde-se mapear dados de 344 pessoas, sendo que as/os responsáveis pelas informações foram as 114 pessoas que se disponibilizaram a responder as questões. Com relação aos dados sobre a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa Bica, quatro eixos básicos são apresentados: os que não estavam em idade escolar; os que estavam matriculados na Rede Municipal ou Estadual de Ensino; os que não frequentavam mais a escola; os que nunca frequentaram a escola. As análises, que focalizaram principalmente aqueles com idade superior a 15 anos de idade. Os dados revelaram que, entre as pessoas com 15 anos ou mais, 40% são analfabetos. As análises realizadas trouxeram indícios de que o analfabetismo nas localidades citadas está relacionado a fatores sociais, históricos e educacionais.

Palavras-chave: Analfabetismo; escolarização; Condições sócio-econômicas

INTRODUÇÃO

O objetivo principal da investigação que resultou neste artigo teve como propósito conhecer e analisar o nível de escolarização de moradores de duas comunidades rurais do município de Piratini¹: Paredão e Costa do Bica, caracterizados como sendo de extrema pobreza e precárias condições de vida.

A pesquisa foi desenvolvida, assim, nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, 3º Distrito do município de Piratini, entre os anos de 2008 e 2009. O antropólogo Vergara (1997) desenvolveu, na localidade do Paredão, a pesquisa etnográfica para sua dissertação de

¹ O Município de Piratini é reconhecido no Estado do Rio Grande do Sul como a “Capital Farroupilha”, em razão de ter sido a primeira e a última sede do Governo Farroupilha durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845).



Mestrado intitulada: Cotidiano e memória na cidade histórica de Piratini – RS. Interessa ressaltar que os motivos que levaram Vergara a conhecer a localidade foram os depoimentos dos moradores da zona urbana de Piratini quando se referiam ao local, como o a seguir:

“Paredão é muito bonito, tem um rio para tomar banho, fazer pescaria, ou um churrasco na beira do Camaquã, mas esse pessoal que mora é muito pobre e ignorante, não planta, não cria nada, eles se escondem de quem vai lhes visitar, pior que bicho” (JOÃO apud VERGARA, 1997, p.121).

A partir deste excerto, é possível perceber o posicionamento do entrevistado (um morador da zona urbana), que evidencia a localidade como sendo *um lugar lindo contrastando com habitantes pobres*. Também merece destaque a afirmação do autor sobre a escolaridade dos moradores da localidade pesquisada: “é comum que os moradores adultos de ‘Paredão’ não tenham instrução escolar” (VERGARA, 1997, p.129).

Além desse estudo acadêmico, encontramos um artigo do Jornal Zero Hora (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42-43) que trazia como título “Mundo esquecido no coração do Rio Grande: comunidade de descendentes de índios Tupis-guaranis e Tapes vivem longe da civilização”, no qual estava destacado:

Há quase 200 anos habitando a região, os moradores da localidade do Paredão vivem em casas de barro, sustentadas por taquaras e cobertas de capim-santa-fé. As habitações são desprovidas de luz elétrica e água encanada. O piso é de chão batido, o forro inexistente e os banheiros são escassos (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42-43).

Essa reportagem mencionou também a Costa do Bica (único trabalho encontrado que remete à localidade), afirmando que:

Com um baixíssimo índice da alfabetização, a saúde confinada às ervas medicinais e a alimentação baseada na agricultura de subsistência, 40 famílias do lugarejo Costa do Bica, descendentes de índios tupi-guaranis e tapes, resistem ao êxodo rural clamando por empregos e incentivos à produção agropecuária. Enquanto os jovens da Costa do Bica dividem-se entre a ansiedade em percorrer os caminhos do mundo urbano e o apego à família e à tradição local, os idosos rechaçam qualquer contato com o conturbado ambiente das cidades. (SCHAFFNER, 20 de agosto de 2000, p.42).



A leitura do trabalho de Vergara e o contato com outras informações sobre essas duas localidades rurais despertaram o interesse na realização da pesquisa.

Ao iniciar a investigação decidimos por uma abordagem que considerasse tanto a dimensão qualitativa quanto a quantitativa. Essa opção possibilitou-nos um leque maior de ferramentas de investigação. Sobre o entrecruzamento dessas duas formas de pesquisa, Gamboa (2007) afirma:

[...] frequentemente são utilizados resultados e dados expressos em números. Porém se interpretados e contextualizados à luz da dinâmica social mais ampla, a análise torna-se qualitativa. Isto é, na medida em que inserimos os dados na dinâmica da evolução do fenômeno e este dentro de um todo maior compreensivo, é preciso articular as dimensões qualitativas e quantitativas em uma inter-relação dinâmica, como categorias utilizadas pelo sujeito na explicação e compreensão do objeto (GAMBOA, 2007, p.106).

Partindo desse entendimento, procedemos ao mapeamento da escolarização e da condição socioeconômica dos sujeitos residentes nas localidades pesquisadas, utilizando, primeiramente, a metodologia *descritiva*. Sobre as descrições na pesquisa, Gil (1991) aponta que:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população [...]. Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade [...] (GIL, 1991, p.46).

A pesquisa descritiva passou, então, a assumir a forma de *levantamento*, já que o delineamento da investigação se deu através de dados fornecidos pelos moradores das duas localidades. As pesquisas do tipo *levantamento*, caracterizam-se, principalmente:

[...] pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados (GIL, 1991, p.56).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O levantamento de dados ancorado na descrição das características da população foi apenas uma das metodologias para coleta de dados. Nessa perspectiva, foram utilizados os seguintes materiais de coleta de dados: diário de campo; entrevista estruturada; entrevista semi-estruturada; bloco de autorizações.

O levantamento de dados através de entrevista estruturada foi realizado com 114 famílias, as quais foram visitadas em dois meses de trabalho de campo – janeiro e fevereiro de 2008. Como os entrevistados responderam questões sobre toda a família, os dados referem-se a 344 pessoas. Em alguns casos em que consideramos relevantes e que foi possível, retornamos em algumas casas e realizamos entrevistas semi-estruturadas. Mas, contudo, a base de análise considerou as respostas às entrevistas estruturadas referentes às 344 pessoas moradoras das duas localidades.

Paredão e Costa do Bica são duas localidades próximas, ligadas pela estrada principal, distantes há aproximadamente 100Km do perímetro urbano do município de Piratini. As residências das cento e quatorze (114) famílias eram construções de alvenaria (44%), madeira (32%), barro (21%) e pedra (3%). Ainda salientamos que 59% das famílias não possuíam banheiros no interior de suas casas e ainda, realizam a higiene pessoal em bacias, rios ou arroios. Em entrevista semi-estruturada, encontramos relatos sobre essa prática. A Senhora Iraci (Paredão, 06/02/2008) afirma: *“o nosso banheiro é no mato. Banho a gente toma numa bacia, mas quando não tá muito frio a gente toma lá no arroio”*. A Senhora Abrilina (Paredão, 06/02/2008) diz: *“não tem nada, nada, é tudo no mato. Banho no arroio”*.

Em relação à rede de energia elétrica, a mesma foi instalada na localidade Paredão no ano de 2005 e na localidade da Costa do Bica, em 2007, contudo 14% das famílias não possuíam energia elétrica em suas residências. Outra questão sobre as condições socioeconômicas desses moradores foi em relação à possuírem ou não água encanada, sendo que 68% das famílias possuíam água encanada no interior da residência, mas 32% das famílias realizavam a coleta de água manualmente em arroios ou cacimbas. Os dados levantados na pesquisa em relação a alguns meios de comunicação revelaram que: 64% das famílias tinham aparelho de TV, 82% possuíam rádio e 71% aparelho de telefonia móvel.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nas localidades pesquisadas, apenas dez (10) pessoas exerciam emprego remunerado. Entre as mulheres, estavam três professoras e uma cozinheira. Com relação aos homens, um motorista municipal do transporte de ônibus escolar; dois comerciantes; um serrador; e um autônomo que trabalhava com fretamento, um dos únicos que possuía carro para levar os moradores à cidade, principalmente quando estes adoeciam. Na Costa do Bica, apenas um morador exercia emprego remunerado, como professor. Portanto, entre os homens, predominava a agricultura familiar, sendo este dado representado por 84%².

Contudo, entre as mulheres, predominava como profissão/ocupação duas atividades concomitantes: a agricultura e as tarefas do lar (72%). Sobre a prática feminina de dona de casa, visivelmente encontrada na realidade pesquisada, Perrot (1988) afirma:

A dona-de-casa está investida de todos os tipos de função. Primeiramente, dar à luz e criar filhos que leva consigo e, a partir do momento em que sabem andar, acompanham-na por toda parte [...]. Segunda função: a manutenção da família, os 'trabalhos domésticos', expressão que tem um sentido muito amplo, incluindo a alimentação, o aquecimento, a conservação da casa e da roupa, o transporte da água, etc (PERROT, 1988, p.214).

Enquanto a mulher é investida tanto do trabalho agrícola quanto dos afazeres domésticos e da criação dos filhos, segundo as declarações, os homens se ocupam na realização de apenas uma tarefa, no caso a agricultura (84%). A descendência étnica também foi classificada conforme declaração da pessoa investigada. Na pesquisa, três declarações foram obtidas: branco (58%), índio (41%) e negro (01%).

Ressaltamos, portanto, alguns pontos com relação aos dados apresentados: as habitações de barro, embora em menor número, nos remetem à cultura dos antepassados indígenas preservada pelos moradores; as estratégias utilizadas para a sobrevivência das pessoas – coleta de água em cacimbas ou arroios, banheiro *no mato*, higiene pessoal realizada em sangas, arroios ou rios, entre outros aspectos – levam-nos a pensar no cotidiano desse povo.

A seguir, apresentamos alguns dos principais resultados da investigação.

² Não estão presentes nas porcentagens as crianças que não estavam em idade escolar e os estudantes: sessenta e cinco estudantes e vinte crianças que ainda não estavam em idade escolar.



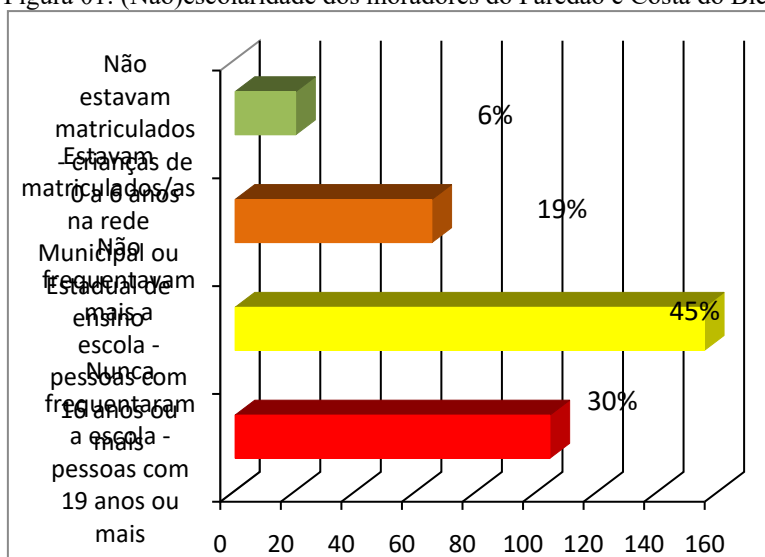
1. Dados gerais sobre a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa Do Bica

Após a coleta dos dados, os organizamos em quatro categorias:

- Não estavam matriculadas (fora da idade da escolaridade obrigatória) – crianças de zero a 06 anos (20 crianças);
- Estavam matriculados/as na Rede Municipal ou Estadual de Ensino (65 pessoas);
- Não frequentavam mais a escola – pessoas com 16 anos ou mais (155 pessoas);
- Nunca frequentaram a escola – pessoas com 19 anos ou mais (104 pessoas).

O gráfico a seguir (Fig.01) apresenta os resultados com relação às quatro categorias supracitadas, tomando para análise a (não) escolaridade de 344 moradores.

Figura 01: (Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica (344 pessoas)



Do universo de 344 moradores, 20 crianças (6%) não estavam matriculadas, já que a faixa etária era de um mês a 06 anos de idade. Esse dado evidencia a inexistência da Educação Infantil nesses espaços. Como a pesquisa foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro, espera-se que aquelas que estivessem com 06 anos de idade ingressassem no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma das escolas localizadas na região.

Daqueles que estavam estudando no momento de realização da pesquisa, encontravam-se distribuídos em três escolas: uma municipal, estabelecida na localidade do Paredão, que atendia o Ensino Fundamental Incompleto, ou seja, até a 4ª série; a segunda



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escola, também municipal, localizada na região denominada Passo do Bêbado, na BR 392, atendia o Ensino Fundamental Completo; e a outra, que pertence à Rede Estadual de Ensino e oferecia matrículas para 1º, 2º, 3º anos do Ensino Médio, localiza-se no mesmo prédio da escola de Ensino Fundamental Completo, anteriormente citada. Para esse caso, obtivemos a (auto) declaração de 65 moradores (19%) do Paredão e da Costa do Bica que se encontravam devidamente matriculados, com a faixa etária compreendida entre 06 e 19 anos de idade. Apenas uma pessoa do sexo feminino, com 27 anos, declarou estar cursando a 8ª série do Ensino Fundamental. Ressaltamos que as duas localidades são atendidas pelo transporte escolar.

Em relação às pessoas que (auto) declararam ter frequentado uma instituição escolar, mas que, na época da pesquisa, não mais frequentavam, a pesquisa identificou 155 sujeitos (45%). Entre as pessoas do gênero feminino, a idade compreendia as idades entre 16 e 63 anos. Entre as pessoas do gênero masculino, a faixa de idade estava entre os 17 anos e 77 anos.

Conforme Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 – o Ensino Fundamental é “obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” e ainda, deve haver “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”³.

Ainda considerando esta categoria, obtivemos a (auto) declaração de 06 pessoas que frequentaram a escola, porém disseram ser analfabetas. Sobre essa informação, vale ressaltar que o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional)⁴, através do IBOPE e da ONG Ação Educativa, realizou testes e entrevistas para identificar o nível de letramento das pessoas que compreendem a faixa de idade dos 15 aos 64 anos de idade. Ribeiro (2004) ao analisar estes dados, apurou que:

³ Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1 acesso em 23/05/2015 às 10h e15 min.

⁴ O INAF é uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE e da ONG Ação Educativa. Os dados do INAF são coletados anualmente junto a amostras nacionais de duas mil pessoas, representativas da população brasileira de 15 a 64 anos, residentes em zonas urbanas e rurais em todas as regiões do país. O INAF utiliza dois tipos de instrumentos para coleta de dados: testes e questionários que recolhem informações detalhadas sobre as capacidades de leitura, escrita e matemática da população e, também, os usos da linguagem escrita nos diversos contextos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A maioria das pessoas classificadas como analfabetas (54%) não completaram nenhuma série escolar, mas 39% completaram de uma a três séries [...] confrontadas com a mesma pergunta utilizada no Censo 2000 – O(a) Sr.(a) sabe ler e escrever? -, 21% dessas pessoas afirmam que sim, mesmo não tendo demonstrado essas habilidades no teste (RIBEIRO, 2004, p.18-19).

A partir do levantamento realizado pelo INAF, e considerando os seis (06) moradores do Paredão e da Costa do Bica que frequentaram a escola, mas que se (auto) declararam analfabetos, podemos dizer que há indícios de que a escola não garante o alfabetismo, há situações em que os sujeitos, mesmo frequentando a escola, não se alfabetizam suficientemente para fazer uso social da leitura e da escrita.

Em relação à categoria *nunca frequentaram a escola*, pessoas com 19 anos ou mais, temos um total de (auto) declarações para o caso de cento e quatro (104) pessoas em um universo de trezentas e quarenta e quatro (344) moradores. Nesses casos, essas pessoas também se (auto) declararam analfabetas.

Tomando como base os números referentes àquelas pessoas que nunca frequentaram uma instituição escolar (104) e os que frequentaram por poucos anos a escola, mas se (auto) declararam analfabetos (06), temos um total de cento e dez (110) analfabetos na localidade do Paredão e da Costa do Bica, conjuntamente. Entre as mulheres, a idade está compreendida entre 19 e 100 anos de idade. Já os homens que obtivemos a (auto) declaração como sendo analfabetos estavam com idades entre 20 e 88 anos de idade.

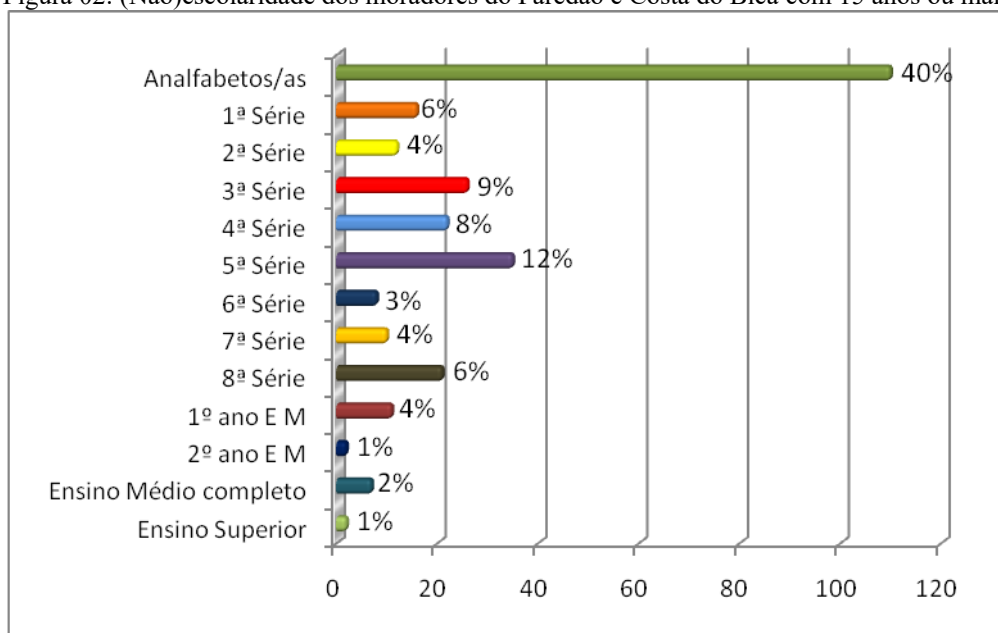
Após traduzir sinteticamente a situação sobre a (não) escolaridade do conjunto de moradores do Paredão e da Cosa do Bica, apresentamos os dados destes, tomando como referência o total de pessoas com idade superior a 15 anos. A opção por este recorte etário se deu, pois, conforme Ferraro (2002, p.33), “para efeito de comparações internacionais, a UNESCO tem privilegiado taxas de alfabetização/analfabetismo para a população de 15 anos ou mais”, já que independente destas pessoas estarem estudando naquele momento supõe-se que com 15 anos toda a população deveria estar com o Ensino Fundamental concluído, considerando que a escolaridade obrigatória da Educação Básica atualmente compreende dos 06 aos 14 anos de idade.



2. A (não) escolaridade dos moradores com 15 anos e mais do Paredão e da Costa do Bica

Em relação à escolaridade, os depoentes responderam a seguinte pergunta: Qual sua escolaridade? Portanto, não podemos afirmar que as respostas foram com base na série concluída. Esclarecida essa questão, passamos a apresentar a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica com 15 anos ou mais (Fig.02):

Figura 02: (Não)escolaridade dos moradores do Paredão e Costa do Bica com 15 anos ou mais (282 pessoas)



O maior nível de escolaridade apresentado no gráfico anterior é o Ensino Superior. Contudo, ele refere-se a duas (02) pessoas no universo dos trezentos e quarenta e quatro (344) dos quais obtivemos dados. As duas pessoas que concluíram um curso superior e residiam na localidade do Paredão são: a diretora de uma das escolas municipais, que cursou Ciências Biológicas; e o pai de uma professora a qual trabalhava na escola situada na localidade Paredão, tendo declarado que o pai cursou Teologia. É necessário ressaltar que, para esses dois casos, as pessoas referidas não são naturais da localidade e sim da zona urbana da cidade de Piratini que deslocaram-se, posteriormente, para essa localidade. Portanto, a escolaridade



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

máxima alcançada pelos moradores nascidos no Paredão e na Costa do Bica é o Ensino Médio completo, embora em pequeno número (2%).

O índice de pessoas que declararam ter como escolaridade a 5ª série se sobressai (12%) em relação às outras séries.

Contudo, no gráfico (Fig. 02), o dado que se destaca entre as pessoas com idade superior a 15 anos e mais é em relação ao analfabetismo, visto que o índice de analfabetos é superior a qualquer outra escolaridade, estando representado por 40%, ou seja, cento e dez (110) pessoas se auto declararam ou foram declaradas pelo entrevistado como sendo analfabetas na localidade do Paredão e da Costa do Bica. Conforme já foi mencionado, cento e quatro (104) dessas pessoas nunca frequentaram a escola e seis (06) frequentaram, mas não conseguiram, segundo eles, sair da situação de analfabetos. Ainda no que concerne à discussão sobre a (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa do Bica, percebemos que, conforme a idade aumenta, diminuem os níveis de escolaridade e aumenta o índice de analfabetismo.

O analfabetismo que persiste no Brasil é, pois, fundamentalmente produto da exclusão de populações empobrecidas dos bens sociais, em especial da educação. Assim, o primeiro traço forte do analfabetismo brasileiro é sua alta relação com o nível de renda da família, relação que se mantém nas diversas regiões e nos diversos grupos etários. Residir no Nordeste ou Sudeste não afeta as oportunidades de ser alfabetizado se o rendimento da pessoa for superior a dois salários mínimos; ter 39 anos ou mais também pouco afeta – entre sulinos e nordestinos – as oportunidades de aprender a ler e a escrever, se os níveis de rendimento forem superiores. Nesse sentido, não é a região fisiográfica ou a localização urbana ou rural que determinariam, em si, os diferenciais nos índices de analfabetismo, mas a maior ou menor concentração de pobres nesses locais; o que vale dizer a maior ou menor concentração de renda em tais espaços geográficos (ROSEMBERG e PIZA, 1995/1996, p.115-116).

Pinto et al. (2000, p.521) afirmam que: “para o país como um todo, enquanto a taxa de analfabetismo nos domicílios cujo rendimento é superior a dez salários mínimos é de apenas 1,4%, naqueles cujo rendimento é inferior a um salário mínimo é de quase 29%”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Este estudo teve como objetivo principal apresentar as condições de (não) escolaridade de moradores de localidades rurais, no caso específico do Paredão e da Costa do Bica, em Piratini.

Do universo de 344 moradores das duas localidades pesquisadas, 59 eram crianças, entre as quais havia 20 com idades entre zero e 06 anos, portanto fora da idade escolar obrigatória, que não frequentavam escola no momento da investigação. Esse fato aponta para a inexistência de Educação Infantil na região. A Constituição Brasileira estabelece que o dever do estado com a educação será efetivo mediante garantia de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 06 anos. No entanto, dados do IBGE em 2006, mostraram que mais de três milhões de crianças, nesta faixa etária, moram no meio rural, sendo que destas, apenas 5% estavam estudando, reforçando o quanto as crianças que residem na zona rural estão excluídas nesta faixa etária.

Outra situação revelada pela pesquisa refere-se àqueles que, na época da pesquisa, não frequentavam mais a escola, totalizando 155 pessoas. Destes, 68 moradores cursaram alguma série dos anos iniciais do Ensino Fundamental; além disso, 64 pessoas frequentaram as séries finais desse nível de ensino; 15 moradores cursaram alguma série do Ensino Médio; e 02, o Ensino Superior. Além desses, houve a (auto) declaração de 06 pessoas que cursaram alguma série do Ensino Fundamental, mas declararam-se analfabetas. Para os casos em que obtivemos a (auto) declaração como nunca tendo frequentado uma instituição escolar, o dado é de 104 pessoas, que se disseram ou disseram que algum morador da casa era analfabeto.

Tomando como referência o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), podemos perceber a expansão do sistema educacional no país, uma vez que, de 1920 até 2000, o índice de analfabetismo no Brasil reduziu de 64,9% para 13,6%. Essa expansão, no entanto, absolutamente necessária é ainda bastante modesta, considerando o aumento significativo do número de analfabetos entre a população brasileira com 15 anos ou mais.

Nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, o índice de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais é de 40%, ou seja, 110 pessoas em um universo de 282 moradores – sendo 58 do gênero feminino, com idade compreendida entre 19 e 100 anos, e 52 do gênero masculino, com a idade entre 20 e 88 anos. Os dados coletados trazem indícios de que o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

analfabetismo entre os moradores do Paredão e da Costa do Bica está relacionado a fatores sociais, históricos e educacionais.

No que contempla tal análise, o analfabetismo entre os moradores residentes nas localidades investigadas é visivelmente acentuado entre a população mais velha e a causa está relacionada à dificuldade de acesso dessas pessoas à escola, no período em que as mesmas estavam em idade para tal fim (de 1910 a 1970), bem como à necessidade de trabalharem, juntamente com seus pais, nas atividades agrícolas. Fato que reforça a ideia de que as condições sócio-histórico e educacionais não propiciaram o estudo a esses homens e a essas mulheres. Isso indica que a tão propalada democratização do ensino ainda não é uma realidade para toda a população brasileira. Há, ainda, necessidade de políticas educacionais específicas para certos grupos sociais e comunidades. No caso das duas localidades de Piratini muito ainda há para ser feito, em especial na garantia da Educação Infantil, do Ensino Médio e da possibilidade dos moradores de frequentarem cursos superiores. Contudo, o estudo mostra, também, que políticas educacionais não podem vir descoladas de políticas sociais, culturais e econômicas. Alternativas de geração de renda, em especial, devem estar na pauta dessas políticas.

Referências:

- FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (Orgs.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Nº 9.394/96.
- PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. – 2. ed. - São Paulo: Global, 2004.
- ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, p. 110-121, dez./fev. 1995/1996.
- SCHAFFNER, Fábio. Mundo esquecido no coração do Rio Grande — Comunidade de descendentes de índios tupis-guaranis e tapes vivem longe da civilização e tentam manter suas propriedades, resistindo aos apelos da vida urbana. **Antropologia**, p. 42-43. **Zero Hora**, Porto Alegre, 20 ago. 2000.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. **Cotidiano e memória na cidade histórica de Piratini-RS**. 1997. 191 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.